

ARLETE SOUZA DA SILVA

**PREDICADORES *QUASE*-BENEFATIVOS:
UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA**

FLORIANÓPOLIS

2002

ARLETE SOUZA DA SILVA

**PREDICADORES *QUASE*-BENEFATIVOS:
UMA ABORDAGEM SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre
em Linguística, pela Universidade
Federal de Santa Catarina.**

**Orientador: Prof. Dr. Nilson Lemos
Lage**

FLORIANÓPOLIS

2002

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA**

Ata n. 17/CPGLg/2002 da Defesa de Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Lingüística de **ARLETE SOUZA DA SILVA**, perante a Banca Examinadora designada pela Portaria n° 37/CPGLg/2002 de 20 de Setembro de 2002.

Aos (25) vinte cinco dias do mês de outubro de dois mil e dois (2002), às 14:00 horas, na Sala de Reuniões/Prédio B do CCE - Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, reuniu-se a Banca Examinadora de Dissertação, designada pelo Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura, composta pelos professores: Dr. Nilson Lemos Lage/UFSC, Presidente e Orientador(a); Dra. Avani de Oliveira/UFRGS; Dr. Apóstolo Theodoro Nicolacópulos/UFSC como membros e Dr. José Francisco C. Karam/UFSC, como membro suplente, para julgamento da Dissertação de Mestrado apresentada por **ARLETE SOUZA DA SILVA**, intitulada: **“Predicadores Quase-Benefactivas: Uma abordagem semântico-pragmática”**. O(A) Prof(a). Dr(a). Nilson Lemos Lage deu por aberta a sessão e logo a seguir passou a palavra ao(à) mestrando(a), para que no prazo de cinquenta minutos expusesse seu trabalho. Terminada a exposição, passou-se à arguição pela Banca Examinadora. O(A) Presidente suspendeu a sessão para que fosse efetivado o julgamento. Recolhidos os resultados, verificou-se haver sido atribuídos os seguintes conceitos:

Trabalho Escrito	3,5	3,5	3,5	3,5
Exposição Oral	3,7	3,9	3,9	3,9
Sustentação Oral	3,2	3,7	3,7	3,7
Examinadores	Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto

TABELA: A=4 B=3 C=2

QUADRO DE REFERÊNCIAS:

Média Geral: _____

3,7

Médias: 3,0 ----- Aprovado

3,1 a 3,4 ----- Aprovado com Mérito

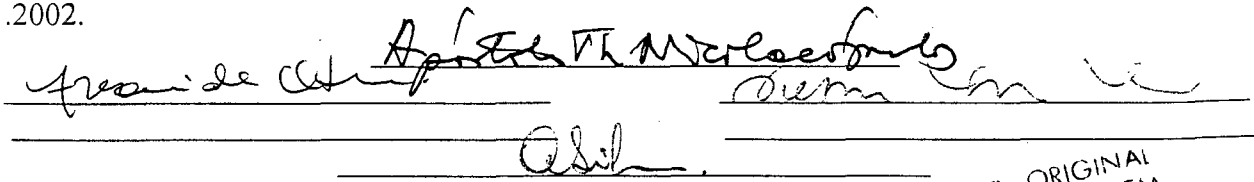
3,5 a 3,9 ----- Aprovado com Distinção

4,0 ----- Aprovado com Distinção e Louvor 3,7

A dissertação foi aprovada com média 3,7

A Banca recomenda que, dentro do prazo de noventa (90) dias, sejam entregues à Secretaria do Curso as cópias da versão definitiva da dissertação. Nestes termos, foi lavrada a presente ata que foi assinada, pelos Membros da Banca Examinadora e pelo(a) mestrando(a). Em 25.10

2002.



CONFERE COM O ORIGINAL
 UFSC - PÓS-GRADUAÇÃO EM
 LINGÜÍSTICA
 Em, 06/11/02
 Expedite Maria de Moraes
 Secretária
 Pós-Graduação Lingüística/UFSC

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Linguística e aprovada pelo Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo
Coordenador

Prof. Dr. Nilson Lemos Lage
Orientador

Apresentada à Banca Examinadora:

Prof. Dr. Apóstolo Theodoro Nicolacópulos

Prof^a Dr^a Avani T. de Campos de Oliveira

Prof. Dr. Nilson Lemos Lage

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida.

Ao orientador, Prof. Dr. Nilson Lage, pelo incentivo e compreensão.

Ao Prof. Dr. Apóstolo T. Nicolacópulos, pelo apoio e amizade.

A morte do homem começa no instante em que ele desiste de aprender.

Albino Teixeira

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE ABREVIATURAS	ix
RESUMO	x
ABSTRACT	xi
INTRODUÇÃO	12
1 GRAMÁTICA DE CASOS	14
1.1 FILLMORE	14
1.1.1 Primeiro modelo de Fillmore (1968).....	16
1.1.2 Segundo modelo de Fillmore (1971).....	21
1.1.3 Casos não-manifestos.....	23
1.2 CHAFE	26
1.2.1 Os casos segundo Chafe.....	28
1.3 COOK	31
1.3.1 Os casos de Cook.....	32
1.3.2 A matriz de Cook.....	34
2 METODOLOGIA	41
2.1 CORPUS	41
2.2 OPERACIONALIZAÇÃO DE TERMOS	42
3 O MODELO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO	44
3.1 NICOLACÓPULOS	44
3.1.1 O modelo semântico-pragmático utilizado	44
3.1.2 Esquemas casuais	48
3.1.3 Microcenas benefactivas	51
3.1.3.1 Microcenas benefactivas básicas	52
3.1.3.2 Microcenas benefactivas metaforizadas	53

4 QUASE-BENEFATIVOS	56
4.1 PREDICADORES <i>QUASE</i> -BENEFATIVOS	56
4.1.1 Microcenas <i>quase</i> -benefactivas	57
4.1.1.1 Microcenas <i>quase</i> -benefactivas básicas	57
4.1.1.2 Lista de predicadores <i>quase</i> -benefactivos básicos	68
4.1.1.3 Microcenas <i>quase</i> -benefactivas metaforizadas	69
4.1.1.4 Lista de predicadores <i>quase</i> -benefactivos metaforizados	76
5 CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	79

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ESTRUTURA PROFUNDA DA SENTENÇA (EP)	18
FIGURA 2 – ESTRUTURA SUPERFICIAL DA SENTENÇA (ES)	19
FIGURA 3 – CASOS NÃO-MANIFESTOS	25
FIGURA 4 – CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS (FILLMORE)	26
FIGURA 5 – CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS (CHAFE)	31
FIGURA 6 – ESTRUTURA SEMÂNTICA	32
FIGURA 7 – CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS (COOK)	35
FIGURA 8 – MATRIZ CASUAL DE COOK	36
FIGURA 9 – PREDICADORES <i>QUASE</i> -BENEFATIVOS	57
FIGURA 10 – PREDICADORES <i>QUASE</i> -BENEFATIVOS BÁSICOS	67
FIGURA 11 – PREDICADORES <i>QUASE</i> -BENEFATIVOS METAFORIZADOS	76

LISTA DE ABREVIATURAS

A	-	Agente ou Agentivo
Apag.	-	Apagado
B	-	Beneficiário ou Benefício
C	-	Comitativo
D	-	Dativo
E	-	Experienciador
ES	-	Estrutura profunda
ES	-	Estrutura superficial
F	-	Factitivo
H	-	Holístico
I	-	Instrumental ou Instrumento
L	-	Locativo
Lex.	-	Lexicalizado
M	-	Meta (caso)
M	-	Modalidade (constituente da S)
O	-	Objeto ou Objetivo
Or	-	Origem
P	-	Proposição
qB	-	<i>quase</i> -Beneficiário ou <i>quase</i> -Benefactivo
S	-	Proposição
S	-	Sentença
SN	-	Sintagma nominal
T	-	Tempo
V	-	Predicador

RESUMO

Este trabalho trata de um subcampo semântico do benefactivo, representado por predicadores *quase-benefactivos* que constituem microcenos *quase-benefactivas*, tanto no âmbito de sentido básico (primeiro) quanto no contexto de sentidos metafóricos, em enunciados de textos jornalísticos. O benefactivo expressa as noções de posse, ganho ou perda, benefício ou malefício, poder e transferência de propriedade. Exemplos são os predicadores *dar*, *ganhar*, *ter*, etc., quando interpretados em seu sentido básico; o *quase-benefactivo* gravita em torno do campo benefactivo, porque denota uma situação que não é de ganho ou perda, benefício, etc., propriamente ditos, mas que resultará em ganho ou perda, benefício, etc. Exemplos são os predicadores *arriscar*, *competir*, *disputar*, etc. quando interpretados em seu sentido básico no enunciado. O *corpus* está composto por enunciados jornalísticos que se configuram em exemplários da língua *em uso*, no período compreendido entre 1º de outubro e 31 de dezembro de 1999.

ABSTRACT

This thesis deals with a subdomain of the benefactive, represented by *quasi-benefactive* predicators, which constitute *quasi-benefactive* microscenes, both in the context of their basic sense, and in the context of metaphorical senses, in utterances of journalistic texts. The Benefactive expresses the notions of possession, gain or loss, benefit or harm, power, and transfer of property. Examples are the predicators *dar*, *ganhar*, *ter*, etc. (to give, to win, to have); when interpreted in their basic sense in the utterance; the *quasi-benefactive* revolves around the benefactive domain, because it accounts for a situation which does not denote gain or loss, benefit, etc. proper, but which will result in gain or loss, or benefit. Examples are the predicators *arriscar*, *competir*, *disputar*, etc. (to risk, to compete); when interpreted in their basic sense in the utterance. The corpus is made up of journalistic utterances, which are examples of language *in use*, collected from *Folha de S. Paulo* (SP), the largest Brazilian daily newspaper, between October 1st and 31st, 1999.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a problematização da linguagem de um recorte na mensagem jornalística. Apresenta um estudo do subcampo semântico *quase-benefactivo*, ou seja, daquele cujo sentido reverte em ganho ou perda e, portanto, constitui microcenos que gravitam em torno do campo semântico *benefactivo*. A pesquisa objetiva interpretar e não quantificar os dados encontrados.

Os predicadores analisados encontram-se nas matérias sobre esporte, política e economia do jornal *Folha de S. Paulo*, veiculadas no último trimestre de 1999. Em todos os enunciados, o predicador é destacado e se apresenta o esquema casual correspondente. Analisam-se os predicadores *quase-benefactivos* básicos e os metaforizados, isto é, os que empreendem um deslocamento de outros campos semânticos em direção ao subcampo semântico *quase-benefactivo*.

O referencial teórico que fundamenta esta investigação encontra-se na teoria de Fillmore (1968; 1971), Chafe (1970) e Cook (1979; 1989), ancorando-se especificamente no modelo semântico-pragmático de Nicolacópulos (1992), Nicolacópulos *et alii* (1997), Oliveira, M.G.A. (1995) e Oliveira, A.T.C. (1999). Este é o modelo semântico-pragmático que embasará as análises do *corpus* obtido nos enunciados jornalísticos.

A opção pela linguagem jornalística fundamenta-se no fato de estar presente nela a constante evolução da língua viva. Em todas as análises, considera-se o contexto em que se encontram os predicadores analisados.

No primeiro capítulo, aborda-se a Gramática de Casos, com um estudo da teoria proposta por Fillmore, Chafe e Cook. Faz-se uma síntese do surgimento dessa gramática, com a exemplificação dos modelos semânticos propostos pelos três autores.

No segundo capítulo, explicita-se a metodologia aplicada ao trabalho, desde a coleta dos dados até a constituição do *corpus* e a operacionalização dos termos.

No terceiro capítulo, faz-se um estudo do modelo semântico-pragmático adotado, principal suporte deste trabalho. Como introdução ao objeto desta pesquisa, são abordados os esquemas casuais e as microcenas benefactivas, em torno das quais gravitam os predicadores *quase-benefactivos*.

No quarto capítulo, listam-se os predicadores analisados. São apresentadas as microcenas que possuem os predicadores *quase-benefactivos*; e em todos os recortes apresentados, eles são destacados. Após a análise, figura o esquema casual correspondente. Primeiramente analisam-se os predicadores em sentido básico; depois, surgem os predicadores que têm origem em outros campos semânticos e que realizam movimentos semânticos em direção ao subcampo semântico *quase-benefactivo*.

No quinto capítulo, apresenta-se uma conclusão para o trabalho e sugere-se a possibilidade para pesquisas futuras, envolvendo outros subcampos semânticos, com o objetivo de enriquecer o modelo semântico-pragmático adotado.

1 GRAMÁTICA DE CASOS

1.1 FILLMORE

A gramática de casos surgiu com Charles Fillmore, com o trabalho "The Case for Case" publicado em 1968, como reação à gramática transformacional de Chomsky (1965). Neste texto, o autor elabora a noção de caso semântico e apresenta o primeiro modelo de sua teoria, abordando os casos como relações sintáticas profundas. Na gramática de casos, a palavra *caso*, na realidade, refere-se aos papéis, isto é, relações semânticas da estrutura profunda, independente da forma superficial, opondo-se aos termos *sujeito* e *objeto*, que se referem a relações gramaticais. Os casos representam as ligações do verbo com os nomes que o acompanham.

Para Fillmore, a relação do caso com seu predicador, determinada na estrutura profunda da sentença, não se altera com a mudança de posição que o predicador venha a ocupar na estrutura de superfície. A determinação da relação de caso irá classificar o predicador, segundo Fillmore, em verbo de estado ou ação¹ e representá-lo através de esquemas casuais.

Fillmore estabelece a diferença morfológica existente entre *gostar* e *agradar*:

(1) Eu *gostei* da peça de teatro.

(2) A peça de teatro me *agradou*.

¹ Verbos de estado são semanticamente estáticos, expressam um não-acontecimento; verbos de ação representam algo ou alguém que faz uma ação. Os primeiros reportam-se a funções espaciais e, portanto, estáticas; os segundos, a funções temporais ou espaço-temporais e, portanto, em fluxo.

Em (1), "eu" representa o sujeito expresso pelo caso semântico Dativo e "peça de teatro" representa o objeto sintático, conteúdo da experiência, expresso semanticamente pelo caso Objeto. Em (2), "peça de teatro", representando sintaticamente o sujeito da oração, está no caso semântico Objetivo, continuando a ser o conteúdo da experiência e "me", que expressa o objeto sintático, está no caso Dativo.

Considerando-os em esquemas casuais, percebe-se que os predicadores *gostar* + [— D, O] e *agradar* + [— O, D] diferem apenas na escolha de sujeito: para *gostar* o sujeito é o caso Dativo e para *agradar* o sujeito é o caso Objetivo.

Ao analisar predicadores morfologicamente diferentes, como *gostar* e *agradar*, Fillmore apresenta a distinção existente entre eles, que só pode ser detectada em termos de casos. Nisto ele se contrapõe à gramática transformacional, que classificava os verbos em termos de regras de subcategorização estrita (transitivo ou intransitivo) e regras de seleção (traços \pm humano, \pm animado). Veja-se em:

(3) Eu *firo* você.

(4) Eu *ouço* você. (= eu ouço "o que você enuncia")

De acordo com Chomsky, os dois verbos apresentam as mesmas regras de subcategorização estrita e de seleção, isto é, ambos são transitivos e, para sujeito e objeto, ambos trazem o traço + humano e + animado. Para a gramática transformacional, "eu" desempenha o mesmo papel em (3) e em (4) e é denominado de sujeito. No entanto, para Fillmore, os papéis são diferentes, pois, em (3), ele pratica uma ação e, em (4), vivencia uma experiência. Atribuindo-se casos aos argumentos selecionados, tem-se em (3), "eu" como Agente, isto é, o executor da ação indicada pelo predicador, e "você" como Objetivo, isto é, o

objeto afetado; em (4), "eu" é o Dativo, pois é quem vivencia a experiência expressa pelo predicador e "você" o Objetivo, o conteúdo da experiência (você = o que você enuncia). Em esquemas casuais, os predicadores são representados assim: *ferir* + [— A, O] e *ouvir* + [— D, O].

Para Fillmore, cada argumento está relacionado ao predicador por uma determinada relação de caso, que é atribuída de acordo com o papel exercido, independentemente de sua posição na proposição. Observem-se as sentenças seguintes:

(5) *O açúcar* caramelizou.

(6) *Maria* caramelizou *o açúcar*.

Pela gramática transformacional "açúcar" é sujeito em (5) e é objeto em (6). Pelo contrário, a gramática de casos analisa "açúcar" como caso Objetivo nas duas sentenças, isto é, atribui a ele o mesmo papel semântico. Essa diferença de análise é o ponto de partida para Fillmore; ele demonstra que é inalterável a relação do argumento com seu predicador, uma vez que o caso é atribuído na estrutura profunda da sentença, independentemente da posição que o argumento ocupe na estrutura superficial.

De acordo com Fillmore, uma lista de casos deve ser pequena, suficiente e universal, incluindo: Agentivo (A), Instrumental (I), Dativo (D), Factitivo (F), Locativo (L), Objetivo (O). O autor acrescenta dois casos, Benefactivo (B) e Tempo (T), que não têm o *status* dos outros por não estarem em relação particular com o seu predicador; seriam, portanto, modais e não proposicionais. Refere, ainda, a possibilidade de existir um caso Comitativo (C).

1.1.1 Primeiro modelo de Fillmore (1968)

Fillmore (1968) propõe o seu modelo com as seguintes características: (i) a sentença é dividida em proposição e modalidade; (ii) proposição é o conjunto de relações formadas pelo predicador e os casos associados a ele e (iii) modalidade inclui todas as idéias expressas na sentença, como tempo verbal, negação, modo, etc., isto é, elementos não associados à valência do predicador. Formalmente, tem-se:

$$S = M + P$$

$$P = V + C1 + C2 + \dots Cn$$

onde a sentença (S) é apresentada em proposição (P) e modalidade (M). A proposição é formada por um verbo e seus argumentos, os casos (C). Cada caso aparece uma única vez com o predicador, na mesma sentença. A modalidade inclui aspectos da sentença, como a negação, o tempo e o modo.

Demonstra-se, graficamente, a proposta de Fillmore, onde o argumento "o martelo" possui o mesmo caso na estrutura profunda (EP) das sentenças e funções diferentes na estrutura de superfície (ES):

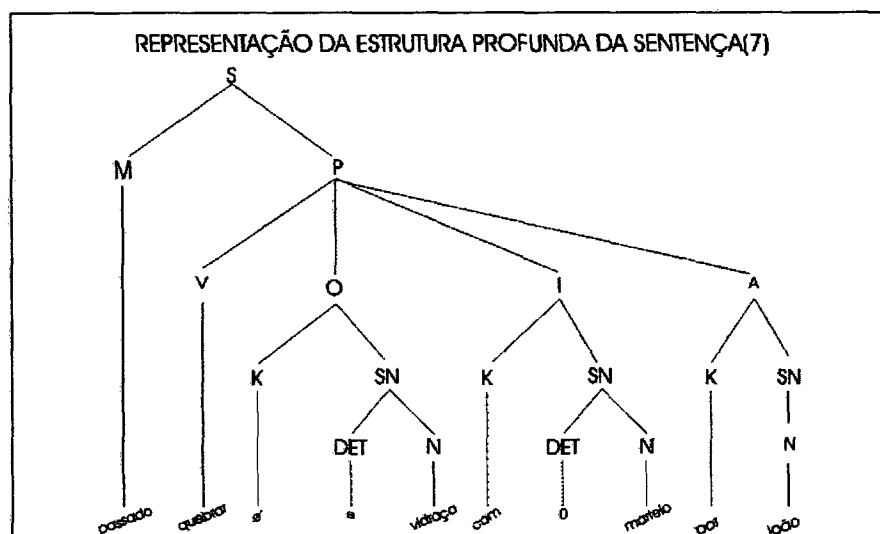
(7) João quebrou a vidraça com *o martelo*.

(8) *O martelo* quebrou a vidraça.

Observando-se a figura 1, "João" é o Agente e exerce, em (7), a função sintática de sujeito. "O martelo" é o instrumento utilizado para a quebra da vidraça. No primeiro modelo (1968), Fillmore ordena os casos da direita para a esquerda, escolhendo hierarquicamente o sujeito. Quando há um Agente, este será o sujeito na ES. Nesse modelo, Fillmore conserva na EP a presença de

preposições (K) porque, nas línguas sem desinências casuais, os casos seriam representados pelas preposições.

FIGURA 1 - ESTRUTURA PROFUNDA DA SENTENÇA (EP)



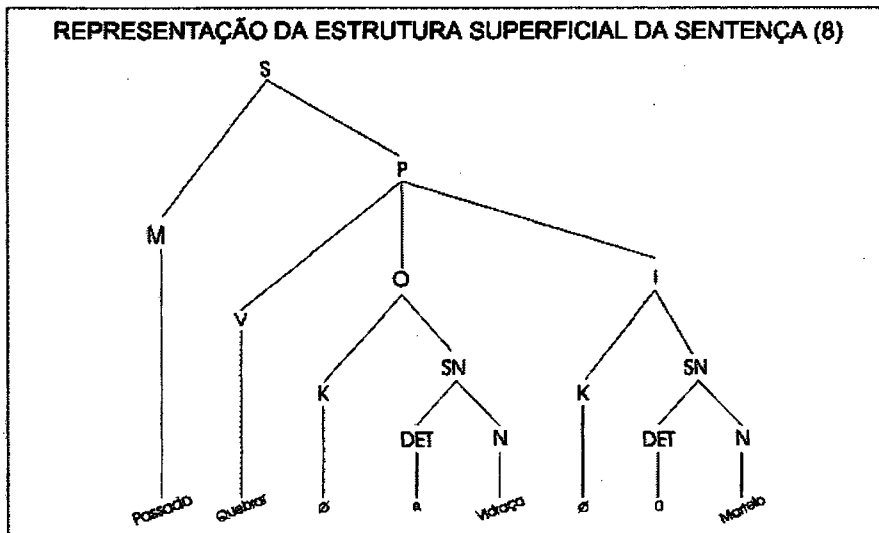
Fonte: Fillmore

No modelo de 1971, ele descarta a presença da preposição *por* entender que ela aparece apenas na ES, sem afetar o significado da sentença. Em esquema casual, assim se representa (7): *quebrar* + [— O, I, A] (ordenação da direita para a esquerda).

Na figura 2 "o martelo" exerce em (8) a função sintática de sujeito. Entretanto, para Fillmore "o martelo" representa o caso semântico Instrumental. Eis a sentença (8) em esquema casual: *quebrar* + [— O, I] (ordenação da direita para a esquerda).

O caso Agentivo será, preferencialmente, o sujeito na ES; em sua ausência, o sujeito será o caso Instrumental; faltando este, o Objeto.

FIGURA 2 - ESTRUTURA SUPERFICIAL DA SENTENÇA (ES)



Fonte: Fillmore

No modelo de 1968, Fillmore propõe os seguintes casos:

(i) Agentivo (A) – é o caso exigido por um predicador que indica uma ação e é, tipicamente, um ser animado:

A

(9) *João* quebrou a vidraça.

(ii) Instrumental (I) – é o caso da força inanimada responsável ou envolvida como causa pela ação ou estado do predicador:

I

(10) A vidraça foi quebrada *por um martelo*.

I

(11) *O martelo* quebrou a vidraça.

(iii) Dativo (D)² – é o caso do ser animado que recebe a ação ou o estado identificado pelo predicador:

² Dativo, para Fillmore, é o caso que abrange as sensações, o conhecimento, a emoção, que Chafe e Cook denominam de Experienciador (E) e, também, é o caso que exprime posse, ganho ou perda, benefício ou malefício, transferência de poder, que Chafe e Cook denominam de Benefactivo.

D

(12) João deu o livro *a Maria*.

D

(13) *João* acreditou na história.

(iv) Objetivo (O) – semanticamente é o caso mais neutro, pois é capaz de abarcar tudo o que pode ser representado por um substantivo ou pronome, cujo papel na ação ou estado indicado pelo predicador seja identificado pela interpretação semântica do próprio predicador. Fillmore esclarece que o caso Objetivo não deve ser confundido com a noção de objeto (direto ou indireto) da estrutura superficial, e que o Objetivo pode ser também uma sentença:

O

(14) *A história* é verdadeira.

O

(15) Maria abriu *a porta*.

(v) Factitivo (F) – é o caso do ser ou objeto resultante da ação ou estado identificado pelo predicador ou entendido como parte do significado deste. Expressa o que foi criado pela ação do predicado. Esse caso não pode ocorrer como sujeito e, por isso, não faz parte da escolha hierárquica de sujeito³:

F

(16) João construiu *uma mesa*.

Em (16), o Factitivo representa o que foi criado.

(vi) Locativo (L) – é o caso que identifica a localização espacial da ação ou estado do predicador. Pode ser estático ou direcional. É possível sua ocorrência como sujeito ou objeto direto, porém aparece com maior frequência em sintagmas preposicionais:

³ Os casos listados por Fillmore para a escolha hierárquica de sujeito são Agente, Instrumental e Objetivo. (ver página 18)

Nas modificações introduzidas na lista de casos, há o aumento de seis para nove casos e uma redefinição em alguns nomes, com três pontos de distinção entre o modelo de 1968 e o de 1971:

(i) O caso Instrumental (I) é redefinido para englobar as forças da natureza – *vento, trovão* – e a sensação obtida com experiências psicológicas – argumentos de predicadores como *agradar* (no sentido de "ser agradável" não de "fazer agrados") e *assustar*:

I

(23) *O programa* agradou aos telespectadores.

(ii) Introduz na lista de casos o Experienciador (E), que absorve parte do caso Dativo (D), exclui predicadores que ensejam posse, ganho ou perda, absorvidos pelos casos que expressam localização (abstrata):

E

(24) *O motorista* conhece a rodovia.

(iii) Introduz os casos Origem (Or) e Meta (M). O caso Origem abrange as predicções locativas direcionais; é a origem de um movimento, o início de uma atividade. O caso Meta abrange os locativos direcionais, indicando o término da atividade; incorpora os predicadores que denotam posse, ganho ou perda; absorve o caso Factitivo (F) de verbos como escrever, construir, etc., que é eliminado do novo modelo:

Or

M

(25) João andou da *sua casa* até a *universidade*.

Fillmore inclui na sua lista de casos os seguintes:

(i) Benefactivo ou Beneficiário (B) – é o beneficiário de uma atividade. É mencionado como um caso "possível".

(ii) Temporal (T) – é o caso que apresenta o tempo cronológico da manifestação do predicador. É um caso modal⁵. Está restrito a expressões de ponto no tempo, visto que os casos Origem e Meta são utilizados para expressar o início e o fim de um período no tempo:

T_m

(26) João nadou *por uma hora*.

T_m

(27) O número de candidatos diminuiu *este ano*.

No modelo de 1971, Fillmore retira o constituinte modalidade e ordena os casos da direita para a esquerda. Os casos podem ser proposicionais, isto é, quando são exigidos pelo predicador, ou modais, quando não fazem parte da valência semântica do predicador, sendo opcionais.

Este é um modelo localista, pois prioriza os casos locativos estáticos e direcionais, representados por Locativo (L), Origem (Or) e Meta (M).

1.1.3 Casos não-manifestos

Os casos não-manifestos figuram na estrutura profunda, mas não aparecem com frequência na estrutura de superfície; permitem investigação mais profunda da estrutura casual do predicador. Fillmore denomina os casos parcialmente não-manifestos de "casos apagáveis", pois ora estão presentes e ora ausentes da estrutura de superfície. Observe-se:

⁵ Modal é a situação do argumento quando não faz parte da valência do predicador (ver página 17 (iii)). Vem indicado com o subscrito "m" ao lado do caso.

não aparece na superfície. O morfema "lex" indica, no esquema casual, a lexicalização: + [- A, O, *L] / L - lex.

Se o predicador contém caso lexicalizado que possa se manifestar na ES acompanhado de um modificador, ele é chamado de cópia⁸, conforme ocorre em (32), com um caso Locativo:

A L - lex O L - cópia

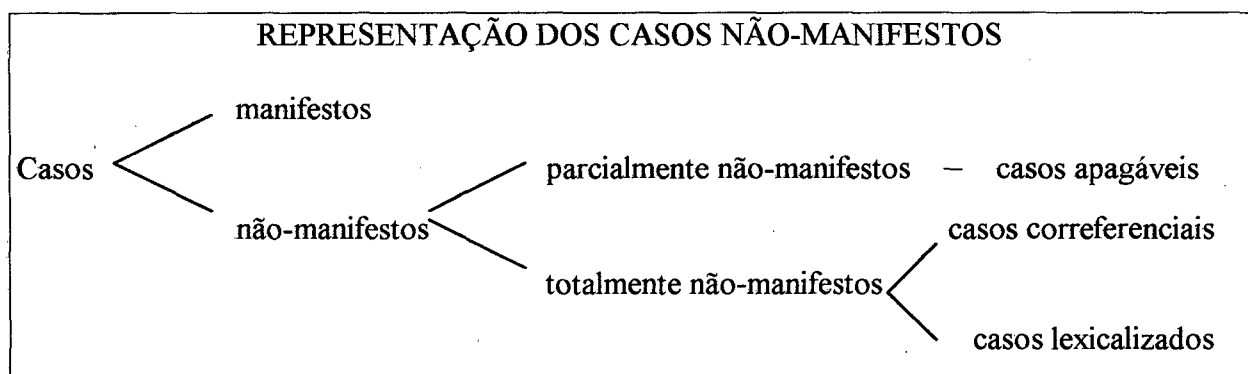
(32) João *engarrafou* a bebida *em garrafas claras*.

Em (32) tem-se a presença de um Locativo lexicalizado e uma cópia dele, que aparece na superfície da sentença.

O esquema casual é: + [- A, O, L, *L] / L - lex.

Compendiando-se a teoria dos casos não-manifestos, pode-se representá-la como na figura 3:

FIGURA 3 – CASOS NÃO-MANIFESTOS



Fonte: Cook

Fillmore classifica os verbos em básicos, instrumentais, dativos e locativos, tipificando-os em estado ou ação. A figura 4, apresenta essa classificação através de uma matriz idealizada por Cook:

⁸ Esse evento (cópia) aparece na página 21, aplicado ao caso Comitativo.

FIGURA 4 – CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS (FILLMORE)

CLASSIFICAÇÃO DE FILLMORE EM MATRIZ IDEALIZADA POR COOK				
Verbos	Básicos	Instrumentais	Dativos	Locativos
Estado	O	I, O	D - D, O	L - O, L
Ação	A - A, O	A, I, O	D, O - A, D, O	A, O, L

Fonte: Cook

1.2 CHAFE

Wallace Chafe publica em 1970 seu modelo de relações semânticas, intitulado "Meaning and the Structure of Language", baseado em Fillmore. Para Chafe (1970), o falante cria uma estrutura semântica e depois a transforma em som, ensejando harmonia do enunciado com o contexto no qual está inserido. Em uma abordagem inovadora no estudo da linguagem e seu sistema de relações semânticas (casos), ele distingue os casos modais (que não são exigidos pelo verbo) dos proposicionais (aqueles exigidos pelo verbo).

Chafe acrescenta à classificação verbal de Fillmore as denominações de "estado" e "não-estado". Os *verbos de estado* são aqueles semanticamente estáticos, de não-acontecimento. Os de *não-estado* expressam um acontecimento. Em exemplos do próprio Chafe, tem-se :

Oe

(33) *A madeira está seca.*

Oe

(34) *A porta está fechada.*

O

(35) *A madeira secou.*

O

(36) *A porta abriu.*

Em (33) e (34) os verbos são estáticos e os objetos representam o estado determinado pelo verbo. Em (35) e (36) os verbos expressam um acontecimento que se reflete nos objetos.

Os verbos de não-estado estão subdivididos em *processos* (verbos não-agentivos), *ações* (verbos agentivos) e *ações-processos*. Nas sentenças em que ocorrem processos, o objeto é capaz de responder à pergunta: "Que aconteceu ao SN representado por (O)?" Exemplificando, tem-se: em (35), quando (O) é "a madeira" a resposta é "secou". Em (36), quando (O) é "a porta", a resposta é "abriu". Nos estados e processos, o objeto é classificado como "paciente".

Os verbos que expressam ações são acompanhados por "agentes" que respondem à pergunta: "O que SN fez?"

A
(37) *Paulo cantou.*

A
(38) *João nadou.*

Em (37), o que "Paulo" fez? Ele cantou. Em (38), o que "João" fez? Ele nadou. O verbo expressa uma ação.

Quando o verbo expressa uma ação desenvolvida por um agente e uma alteração no paciente, simultaneamente, há uma ação-processo.

A O
(39) *Maria abriu a porta.*

A O
(40) *Pedro secou a madeira.*

Em (39), o que fez "Maria" (A)? Ela abriu a porta. O que aconteceu com "a porta" (O)? Maria a abriu. Em (40), o que fez "Pedro" (A)? Ele secou a

madeira. O que aconteceu com "a madeira" (O)? Pedro a secou. São os agentes efetuando uma ação no paciente de um processo.

Chafe classifica os verbos das sentenças que não possuem Objeto ou Agente, como "ambiente". Isto se dá com os predicadores que representam fenômenos da natureza e períodos de tempo:

(41) *Está frio.*

(42) *Relampeou.*

(43) *Trovejou.*

(44) *É tarde.*

1.2.1 Os casos segundo Chafe

Sendo o verbo o ponto central da sentença, sustenta Chafe, é ele quem determina os argumentos necessários. As sentenças são construídas em torno do predicador⁹. Utilizando-se de um exemplo do próprio Chafe, demonstra-se a centralidade do verbo, o seu domínio sobre o caso:

Considere-se a sentença "A cadeira riu"; nesta ES, interpreta-se "cadeira" como ser animado, embora seja anormal tal ocorrência. Fica, assim, provada a influência semântica do predicador sobre o nome que lhe é subordinado.

Chafe relaciona em sua teoria os seguintes casos, em número de sete¹⁰:

(i) Paciente (O)¹¹ – é o caso que representa o que o predicador determina; é o objeto de um estado ou processo¹²:

⁹ Os verbos são, portanto, funtores da função sentencial que relaciona argumentos.

¹⁰ Os exemplos que ilustram os casos são do próprio Chafe.

¹¹ Unificando-se a terminologia, utiliza-se a notação de Fillmore para a indicação dos casos.

¹² Predicadores de estado, processo e ação serão explicitados na seção 1.3.2.

(O)
(45) *A madeira está seca.*

(O)
(46) *A madeira secou.*

(ii) Agente (A) – é o caso que apresenta o responsável pela execução da ação descrita pelo predicador:

(A)
(47) *Miguel correu.*

(A)
(48) *O vento abriu a porta.*

(iii) Experimentador (E) – é o caso que denota a manifestação do fator psicológico em quem experiencia a ação ou estado descrito pelo predicador, seus sentimentos, aspirações e sensações perceptivas:

E
(49) *José deseja uma bebida.*

E
(50) *Maria aprendeu a lição.*

E
(51) *Paulo viu a estréia de sua irmã.*

E
(52) *João gostou do presente.*

(iv) Beneficiário (B) – é o caso que especifica aquele que obtém benefício através de alguma coisa explicitada pelo restante da sentença:

B
(53) *Maria tem um carro.*

B
(54) *João ganhou uma camisa de presente.*

B
(55) *Paulo deu flores a Ana.*

(v) Instrumento (I) – é o caso que apresenta o instrumento utilizado para desempenhar o que determina o predicador:

I

(56) José cortou a corda com *a faca*.

I

(57) *A tesoura* cortou o tecido.

(vi) Complemento¹³ (C) – é o caso que apresenta um especificador restrito ao significado do predicador:

C

(58) O livro pesa *um quilo*.

C

(59) Ele escreveu *uma canção*.

(vii) Locativo (L) – é o caso que especifica o lugar de ocorrência do que determina o predicador:

L

(60) A chave está sob *o tapete*.

L

(61) Tom caiu *da cadeira*.

L

(62) Tom atirou a faca dentro *da caixa*.

Apesar de incluir em sua lista de casos o Locativo, Chafe não se manifesta localista, pois não introduziu Origem e Meta. Ele denomina *casos proposicionais* os casos exigidos pelo predicador e *casos modais* os que não são exigidos pela valência do predicador. Classifica, ainda, os verbos, em básicos, experimentativos, benefactivos, locativos e completáveis, tipificando-os em estado, processo, ação ou ação-processo.

¹³ Para Fillmore, este caso chama-se Factivo.

Na figura 5, a classificação verbal é exposta em uma matriz idealizada por Cook:

FIGURA 5 – CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS (CHAFE)

CLASSIFICAÇÃO DE CHAFE EM MATRIZ IDEALIZADA POR COOK					
Verbos	Básicos	Experimentativos	Benefactivos	Locativos	Completáveis
Estado	O	E, O	B, O	O, L	O, C
Processo	O	E, O	B, O	* X	* X
Ação	A	* X ¹⁴	* X	* X	A, C
Ação-processo	A, O	* X	A, B, O	* X	* X

Fonte: Cook

1.3 COOK

Walter Cook apresenta em 1979 um modelo não-localista, incorporando as melhores características dos modelos anteriores. Destaca-se por criar uma matriz que agruparia todos os verbos de uma língua, em todos os seus significados.

Cook (1979) estabelece a EP da sentença com a centralidade do verbo, que requer os casos a partir de sua valência. É esta a valência semântica do verbo que determina quais e quantos casos, (entre um e três) estarão presentes. A figura 6 representa graficamente a EP da sentença (63):

(63) João deu flores para Maria.

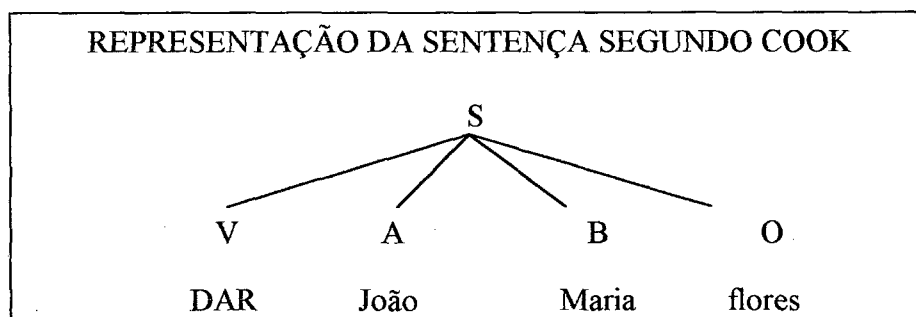
O esquema casual de (63) é assim apresentado: + [— A, B, O].

No modelo de Cook, os casos são ordenados da esquerda para a direita, obedecendo à escolha hierárquica do sujeito. Somente o caso Objeto, que é

¹⁴ O "X" indica a inexistência, em inglês, segundo o autor, de verbos dos tipos indicados.

obrigatório, poderá ocorrer mais de uma vez em uma única sentença. Os casos Experienciador, Benefactivo e Locativo são mutuamente excludentes.

FIGURA 6 – ESTRUTURA SEMÂNTICA



Fonte: Cook

Segundo Cook (1979), um modelo de Gramática de Casos precisa conter os seguintes itens:

- (i) o tipo de estrutura profunda;
- (ii) uma lista de casos;
- (iii) a formação de esquemas casuais com a combinação de casos;
- (iv) a derivação de um tipo de verbo de outro verbo; e
- (v) uma teoria dos casos não-manifestos, explicando a ausência parcial ou total de determinados casos na estrutura de superfície.

1.3.1 Os casos de Cook

Os casos, estabelece Cook, dividem-se em proposicionais e modais. Os proposicionais, obrigatórios, são aqueles exigidos pela valência do predicador; os modais não são exigidos pelo predicador. Em seu modelo, ele apresenta cinco casos proposicionais:

(i) Agente (A) – exigido pelo verbo de ação, tem características animadas que podem estender-se aos objetos inanimados e às forças da natureza (Cook,1976):

A

(64) *O vento* levantava os telhados.

A

(65) *Pedro* consertou o furo do pneu.

(ii) Experienciador (E) – exigido pelo verbo experimentativo, representa quem vivencia a sensação, a experiência, o aprendizado. Em se tratando de predicadores que evidenciam comunicação, é o ouvinte, o espectador, o receptor da mensagem:

E

(66) *João* gosta de novelas.

E

(67) *O motorista* desconhece o trajeto.

(iii) Beneficiário (B) – exigido pelo predicador benefactivo, representa o possuidor de um objeto ou o participante não-agentivo de uma transferência de propriedade, isto é, de uma operação comercial ou de qualquer processo ou ação que reverta em relação de ganho ou perda para o participante:

B

(68) Ele deu um livro para *José*.

B

(69) *Paulo* obteve lucros com a inflação.

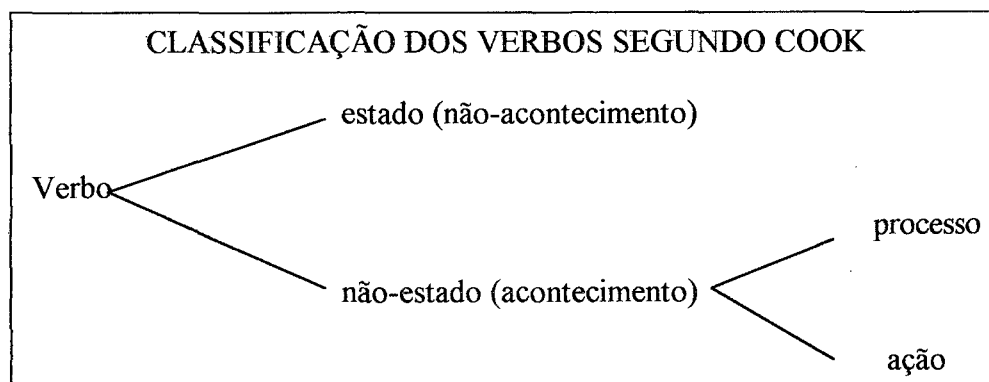
B

(70) *João* perdeu o dinheiro.

(iv) Objeto (O) – presença necessária com todos os predicadores, Cook considera-o um caso neutro:

Com a classificação de Cook, pode-se representar os verbos como na figura 7:

FIGURA 7 – CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS (COOK)



Fonte: Cook

Verbos de estado são aqueles que não evidenciam situação progressiva nem são imperativos:

Oe
(77) *Paulo é estudante.*

Oe
(78) *O diploma pertence ao José.*

Verbos de processo são os predicadores que denotam mudança ou modificação no objeto; podem estar no gerúndio, mas nunca no imperativo¹⁶:

O
(79) *A cadeira está quebrando.*

O
(80) *João acordou.*

Como verbos de ação, têm-se aqueles que expressam eventos agentivos; podem estar tanto no gerúndio quanto no imperativo:

¹⁶ Em casos como "acorde, João" ou "quebre a cadeira", o verbo não é de processo, mas de ação.

A
(81) *Pedro* abriu a janela.

A
(82) *Maria* está costurando.

A
(83) *Você* estude!

Os casos de Cook resultaram na formação de uma matriz de esquemas casuais; os verbos são classificados de acordo com seu campo semântico. A figura 8 demonstra essa matriz:

FIGURA 8 – MATRIZ CASUAL DE COOK

MATRIZ DOS ESQUEMAS CASUAIS DE COOK				
Verbos	Básicos	Experimentativos	Benefactivos	Locativos
Estado	Oe - Oe, Oe	E, Oe - Oe, E	B, Oe - Oe, B	Oe, L - L, Oe
Processo	O - O, O	E, O - O, E	B, O - O, B	O, L - L, O
Ação	A, O - A, O, O	A, E, O - A, O, E	A, B, O - A, O, B	A, O, L - A, L, O

Fonte: Cook

Os predicadores são classificados de acordo com o caso que cada um exige e obedecem ao contexto em que se encontram. Os básicos exigem o caso Objeto. Quando indicam uma situação de estado, isto é, um não acontecimento, tem-se:

Oe
(84) *Helena* é bonita.

O esquema casual de (84): + [— Oe]¹⁷.

¹⁷ O subscrito "e" junto ao Objeto indica a estaticidade do predicador.

Os predicadores básicos processuais exprimem mudança de estado ou condição do Objeto (pessoa ou coisa); não há prática de ação. Verifica-se esta situação em:

O

(85) *O homem morreu.*

O esquema casual de (85) é assim representado: + [— O].

Os predicadores básicos de ação necessitam de dois casos: um Agente e um Objeto. O Agente é o executor da ação e o Objeto é o caso que recebe a ação, sendo afetado ou criado. Pode-se observar em:

A O

(86) *João destruiu a mesa.*

A O

(87) *João construiu a mesa.*

O esquema casual de (86) e (87) é: + [— A, O].

Os predicadores experimentativos de estado são os que possibilitam que se perceba a sensação, a emoção, o conhecimento de forma estática. Pode-se verificá-los em:

E Oe

(88) *Pedro sabe a lição.*

E Oe

(89) *João gosta de sorvete.*

O esquema casual que representa (88) e (89) é: + [— E, Oe].

Os predicadores experimentativos processuais indicam mudança psicológica no experienciador, obtida através da atuação do Objeto, como se observa em:

E O

(90) *Helena sentiu o calor do sol.*

E O

(91) *Maria ouviu a explosão.*

Do ponto de vista casual, representam-se assim (90) e (91): + [— E, O].

Os predicadores experimentativos de ação têm a presença de um Agente que pratica a ação, do experienciador e de um objeto, como em:

A O E

(92) *João mostrou o quadro para Pedro.*

Representando (92) em esquema casual tem-se: + [— A, E, O].

Os predicadores benefactivos de estado apresentam um Beneficiário e a posse ou propriedade de um Objeto. Comprova-se em:

B Oe

(93) *João tem uma casa.*

O esquema casual de (93) é: + [— B, Oe].

Este esquema pode ser invertido quando o Objeto aparece antes:

Oe B

(94) *Esta casa é de João.*

O esquema de (94) será: + [— Oe, B].

Os predicadores benefactivos processuais ocorrem quando o Beneficiário passa por processo de ganho ou perda, como se pode verificar em:

B O

(95) *O aluno ganhou um carro.*

B O

(96) *Maria perdeu o anel.*

O esquema casual de (95) e (96) é: + [— B, O].

Os predicadores benefactivos ativos têm a inclusão de um Agente que faz a transferência do Objeto ao Beneficiário. Verifica-se em:

A O B

(97) *O aluno deu um presente ao professor.*

O esquema casual de (97) será: + [— A, B, O].

Os predicadores locativos de estado apresentam a localização estática de um Objeto. Pode-se observar em:

L Oe

(98) *A panela contém batatas.*

O esquema casual de (98) é representado por: + [— L, Oe]. Pode ocorrer a inversão dos casos, como em:

Oe L

(99) *O pão está no armário.*

O esquema casual de (99) é: + [— Oe, L].

Os predicadores locativos processuais especificam o movimento dos objetos em um evento não-agentivo, como em:

O L

(100) *O quadro caiu da parede.*

O esquema casual de (100) é assim representado: + [— O, L]

Os predicadores locativos ativos apresentam o Agente causador da ação. Observa-se em:

A O L

(101) *O médico colocou o exame na gaveta.*

Representando (101) em esquema casual, tem-se: + [— A, O, L].

2 METODOLOGIA

Neste trabalho emprega-se a língua viva presente no jornal *Folha de S. Paulo*, que é o jornal de maior circulação diária no território brasileiro. Optou-se pelos contextos esportivo, político e financeiro por serem os que mais interagem com a população, em todas as camadas sociais. Os cidadãos, de acordo com os seus conhecimentos e culturas, buscam informações veiculadas nesses três contextos, onde se situam os acontecimentos que poderão influenciá-los, emocional e/ou economicamente.

2.1 CORPUS

O *corpus* compõe-se de microcenas que giram em torno do campo semântico benefactivo, chamadas de *quase-benefactivas*. Determinou-se o período compreendido entre os dias 1º de outubro a 31 de dezembro de 1999. Para a coleta dos dados, utilizou-se do CD-ROM *Folha – Edição 2000*, que traz os artigos veiculados de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1999, com todos os direitos reservados à Empresa Folha da Manhã S/A.

Para a seleção inicial dos textos, foram utilizados os recursos do próprio CD-ROM da Folha, onde se pode marcar o período desejado e selecionar a palavra a ser buscada na editoria escolhida. Os verbos pesquisados compõem uma lista de predicadores *quase-benefactivos*, de autoria de Apóstolo T. Nicolacópulos.

Cada texto encontrado foi copiado para o processador Word. Após leitura, foram selecionados apenas os que encerram os predicadores *quase-benefactivos*.

Os enunciados interpretados foram recortados dos textos selecionados. Como esta pesquisa não tem o objetivo de ser quantitativa e sim interpretativa, não se extraíram tabelas estatísticas das ocorrências encontradas.

As definições de cada predicador, constantes em todas as análises, foram retiradas do dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa – versão 1.0 – dezembro de 2001 – *copyright* do Instituto Antônio Houaiss; e do dicionário Novo Aurélio, Século XXI - *copyright* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e J. E. M. M. Editora Ltda.

2.2 OPERACIONALIZAÇÃO DE TERMOS

Procura-se explicitar, a seguir, a terminologia empregada neste trabalho.

Caso: é o papel semântico, relação semântica ou argumento que se encontra em relação particular com o verbo correspondente. A relação caso-verbo é uma relação de associação, de entrelaçamento, e não de dependência.

Contexto: conjunto das condições ambientais que podem ser levadas em consideração para estudar as relações entre o comportamento lingüístico e o social, das quais se depreende um significado de uso da língua.

Enunciado: parte de discurso (oral ou escrito) em associação com o contexto em que está inserido. Contém uma ou mais microcenas.

Gramática de casos: modelo de análise predicacional que prevê as predicções constituídas de predicador mais seus argumentos/papéis semânticos/casos.

Microcena: período recortado para análise, parte de uma cena (o enunciado). Consiste do predador e de papéis semânticos em relação particular com o predador.

Pragmática: é a consideração, também, do contexto no qual as microcenas e cenas analisadas estão inseridas.

Proposição: oração constituída pelo verbo e seus complementos ou papéis semânticos chamados, aqui, de *casos*. Opõe-se à modalidade, que abarca a noção de tempo, modo, negação e aspecto.

Semântica: estudo do sentido das palavras e da interpretação das sentenças e dos enunciados.

Sentido: aquilo que uma palavra pode significar num contexto determinado.

Significado: conteúdo semântico, conceito de determinada palavra ou oração.

Valência semântica: conjunto dos papéis semânticos/casos/argumentos relacionados a determinado predador.

3 O MODELO SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO

3.1 NICOLACÓPULOS

Com a intenção de ampliar os domínios da Gramática de Casos, de modo a abrigar as nuances de sentido que se espraiam no contexto da língua *viva* e que se materializam, especialmente, através do processo de metaforização, Nicolacópulos (1992) expande as perspectivas de análise, dando origem a um modelo semântico-pragmático (Nicolacópulos (1992); Nicolacópulos *et alii* (1997); Oliveira, M.G.A. (1995) e Oliveira, A.T.C. (1999)).

Nicolacópulos *et alii* efetuam algumas mudanças e refinam o modelo, tendo em vista a abrangência das dimensões pragmático-discursivas nos processo de análise e de interpretação que se propõem a efetivar. O modelo é não-localista: assim como outros modelos casuais, tem por objetivo representar a estrutura profunda de cada proposição, evidenciando um verbo central e argumentos em relação de associação com esse verbo. Tal associação é explicada pela teoria de valências, que tem por propósito explicitar as associações entre as categorias básicas (co)ocorrentes em um enunciado integrado em contexto maior.

A teoria de valências focaliza as dimensões sintáticas e semânticas, relativamente ao verbo, que fica configurado como elemento central, como *centro dinâmico do enunciado*. Essa teoria, por articular os dois pólos – sintático e semântico –, se inscreve numa *perspectiva relacional*, buscando no pólo sintático relacionar os elementos frásicos, condicionando a ocorrência ou não dos mesmos, de acordo com as propriedades morfossintáticas, com vistas a explicitar os sintagmas em torno do verbo; no pólo semântico, busca deflagrar os papéis temáticos dos argumentos que se associam ao verbo. (OLIVEIRA, 1999, p. 68).

3.1.1 O Modelo semântico-pragmático utilizado

O modelo semântico-pragmático adotado diferencia-se do modelo de Cook nos seguintes aspectos:

(i) a não-obrigatoriedade do caso O (objeto);

(ii) a análise das cenas experimentativas não-voluntárias como agentivas e não processuais;

(iii) o reconhecimento, como Fillmore (1971), da possibilidade, embora rara, de ocorrência de casos considerados mutuamente excludentes. O verbo *passar*, por exemplo, admite os casos L (locativo) e T (tempo), como em *Jeffrey passou terça-feira à tarde na praia*, onde tanto L quanto T são analisados como proposicionais, seguindo Fillmore (1977);

(iv) o realce da possibilidade, embora rara, da ocorrência de mais de três casos em uma mesma proposição;

(v) a relação de associação e não de dependência dos casos com o verbo/predicador. Desta forma, o verbo traduzirá a soma desta interação e das significações espalhadas pelo enunciado produzido em contexto e o verbo/predicador pode ser definido como síntese enunciativa;

(vi) a consideração de elementos pragmáticos-discursivos na análise casual, permitindo a abordagem semântico-pragmática do enunciado, especialmente no que se refere à articulação do verbo com seus argumentos. Neste sentido, então, evidencia um refinamento e uma ampliação capazes de abrigar as manifestações efetivas da linguagem, nos mais diversos contextos de uso.

A pragmática, no âmbito discursivo, tem grande relevância, uma vez que é na construção dos efeitos de sentido pretendidos pelo enunciador que se encontram as origens das ambigüidades, das potencialidades significativas [...], inclusive da metáfora [...]. Os fatores que constituem a significação respaldam a combinatória do verbo com seus argumentos, a fim de subsumirem o caráter polissêmico inerente às predicções. (ROCHA, NICOLACÓPULOS & OLIVEIRA, 1998, p. 87).

A estrutura profunda – descrita nesta nova proposta de análise casual, como semântico-sintática, (os papéis semânticos ou casos são paralelos às funções sintáticas) – é constituída de um S (proposição), um V (predicador) e um, dois ou mais SNs (casos) proposicionais. A lista de casos segue os padrões estipulados por Fillmore, ou seja, é pequena, adequada para a classificação dos verbos da língua e universal. (NICOLACÓPULOS *et alii*, 1997).

Os casos do modelo, em número de oito, são, segundo Oliveira, A.T.C. (1999):

(i) Agentivo (A) – é o caso que expressa a ação no contexto do enunciado em que ocorre:

A

(105) *A polícia prendeu o traficante.*

(ii) Experienciador (E) – é o caso que denota sensação, emoção, cognição e percepção do receptor da comunicação (na comunicação oral, do ouvinte), em determinado contexto:

E

(106) *João viu o avião decolar.*

(iii) Benefactivo (B) ou Beneficiário – é o caso que exprime posse, poder, liderança, ganho ou perda, benefício/malefício e transferência de propriedade ou poder, no contexto em que está inserido:

B

(107) *Paulo* perdeu todo o seu dinheiro.

(iv) Objeto (O) – é o caso que, com verbos de estado, apresenta o que está sendo descrito; com verbos processuais, o que sofre mudança de estado; e, com verbos agentivos, um vínculo, um recebimento:

Oe

(108) *O copo* está quebrado.

O

(109) *O copo* quebrou.

O

(110) *Maria* quebrou *o copo*.

(v) Locativo (L) – é o caso que expressa a localização, o local que o predicador indica:

L

(111) *A parede* recebeu adesivos novos.

(vi) Tempo (T) – é o caso que apresenta a relação de tempo cronológico ou duração, abrangendo o contexto em que se insere o predicador:

T

(112) A guerra durou *seis dias*.

T

(113) A reunião foi adiada para o *mês de janeiro*.

(vii) Comitativo (C) – é o caso em que o predicador apresenta uma companhia:

C

(114) Ela está perto *do marido*.

C

(115) Eles estão acompanhados *do filho*.

(viii) Holístico (H) – é o caso que traz a idéia de totalidade, expresso pelo predicador; e indica um estado, processo ou ação:

H

(116) Brasil é um dos integrantes *do Mercosul*.

H

(117) Júnior pode voltar *à seleção*.

H

(118) Janete continua *no time*.

3.1.2 Esquemas casuais

O modelo utilizado leva em conta os elementos pragmáticos e discursivos na análise casual, permitindo, assim, uma abordagem semântico-pragmática do enunciado. Todo predicador, em esquema casual, apresenta uma microcena que é caracterizada como evento pelo receptor. Este a interpretará de acordo com seu entendimento, sua percepção do mundo.

Mostra-se a seguir como são representados os esquemas casuais presentes em enunciados:

A O

(119) *João matou o ladrão*.

O esquema casual é + [— A, O]. "João" é o Agente do predicador, (é quem pratica a ação) e "o ladrão" é o Objeto afetado pela ação que o predicador indica.

E O

(120) *João viu o ladrão*.

O

(130) *A porta* abriu.

O caso é um Objeto, "a porta", que denota um acontecimento. É um evento não-agentivo, porque não apresenta um Agente responsável pelo acontecimento. Em esquema casual tem-se: + [— O].

A O

(131) *João* abriu *a porta*.

Tem-se um evento agentivo. O Agente "João" desenvolve uma ação que reflete uma alteração no Objeto "a porta".

É um evento que representa uma ação: + [— A, O].

A O Lm

(132) *A chacina* deixou *quatro mortos* no Rio de Janeiro.

O enunciado apresenta uma ação. Há o Agente "a chacina" e o Objeto "quatro mortos". O lugar do acontecimento é modal, isto é, não é exigido pelo predicador. Não existe vinculação semântica entre o predicador e o local. O esquema casual configura-se como: + [— A, O].

3.1.3 Microcenos benefactivas¹⁸

Caso Benefactivo é o que enseja uma relação do predicador com seu beneficiário de poder, posse, ganho ou perda, benefício ou malefício. Os predicadores benefactivos figuram em seu campo básico ou podem vir metaforizados para outros campos. Eventualmente, predicadores de outros campos semânticos metaforizam-se para o campo benefactivo.

¹⁸ Oliveira, A.T.C. (1999) realizou um estudo exaustivo das microcenos (predicadores) benefactivas, no contexto da linguagem jornalística, a partir do qual pôde-se desenvolver o presente trabalho.

3.1.3.1 Microcenas benefactivas básicas

Os benefactivos de sentido básico assim se apresentam:

(133) Pelo acordo, o Estado *concede* isenção de IPVA no próximo ano e em 2001 para quem comprar um carro com essa composição até 31 de dezembro deste ano. (*Folha de S. Paulo*, 26/11/99).

O contexto apresenta o predicador *conceder*, que, em seu sentido básico, significa dar, outorgar, permitir, caracterizando uma nuance benefactiva. No recorte, "o Estado" representa o Agente; os Beneficiários da ação estão representados por "quem comprar" e "o carro" representa o Objeto.

O esquema casual é: + [— A, B, O].

(134) João *deu* flores para sua mãe.

O contexto expressa o predicador *dar*, que em sentido básico representa ceder, presentear, doar, evidenciando sua característica benefactiva. O predicador exige um Agente, representado por "João", que é o doador; um Beneficiário da doação, representado por "sua mãe" e um Objeto, representando o que serviu de presente – "flores".

Em esquema casual tem-se: + [— A, B, O].

(135) Os postos da secretaria do Trabalho de São Paulo *receberam* 11 mil vagas da indústria depois de um acordo feito com o sistema Fiesp/Ciesp. (*Folha de S. Paulo*, 10/11/99).

O contexto mostra a predicador *receber*, que tem como sentido básico, acolher, ganhar, herdar, obter, colocando em evidência sua natureza benefactiva.

O Beneficiário é representado pelos "postos da secretaria" e o Objeto está representado pelas "11 mil vagas".

Representando em esquema casual tem-se: + [— B, O].

(136) Paula *socorreu* Ana Maria.

Neste contexto, *socorrer*, em seu sentido básico, significa ajudar, auxiliar, defender, ratificando sua condição benefactiva. Apresenta um Agente que é "Paula", seu Beneficiário que é "Ana Maria", e um Objeto lexicalizado, "prestar socorro".

O esquema casual é: + [— A, B, *O] / O - lex.

3.1.3.2 Microcenas benefactivas metaforizadas

Os predicadores que se metaforizam para o campo benefactivo assim se apresentam:

(137) Não basta *contar* com a fiscalização e controle das agências reguladoras. (*Folha de S. Paulo*, 11/10/99).

No recorte, o predicador *contar*, cujo sentido básico é fazer a conta, calcular, computar, caracterizando-se como experimentalivo, metaforiza-se para o campo benefactivo, ensejando a noção de ajuda, apoio. Tem-se um Beneficiário apagado e um Objeto representado pela "fiscalização e controle das agências".

Em esquema casual, tem-se: + [— *B, O] / B - apag.

(138) O título *ficou* com o time de melhor campanha, e por causa da melhor campanha. (*Folha de S. Paulo*, 30/12/99).

O predicador *ficar*, no sentido básico, corresponde a permanecer em um lugar, ou junto a algo ou alguém, com característica, portanto, locativa. Neste contexto, metaforiza-se para o campo benefactivo. Desta forma, observa-se a presença de um Objeto representado pelo "título" e seu Beneficiário "time de melhor campanha".

Resulta o seguinte esquema casual: + [— O, B].

(139) Ontem, o britânico Greg Rusedski *levou* o título do torneio. (*Folha S.Paulo*, 18/10/99).

O predicador, *levar* que, em sentido básico, significa fazer transportar a, carregar, conduzir, com natureza locativa, neste recorte, está metaforizado para o campo benefactivo, onde evidencia a perspectiva de benefício. O predicador apresenta um Beneficiário, representado pelo "britânico Greg". O Objeto está representado pelo "título do torneio".

Assim fica o esquema casual: + [— B, O].

(140) Para a Embraer, a entrada de um sócio estrangeiro pode ajudar a *levantar* recursos para se expandir. (*Folha de S. Paulo*, 23/10/99).

O predicador *levantar* tem como sentido básico elevar, erguer, subir, pôr em pé, marcando sua natureza locativa; nesta microcena, metaforiza-se para o campo benefactivo, ensejando a idéia de ganho, através da expressão "levantar recursos". Este campo semântico apresenta o Agente "a entrada de um sócio"; um Objeto "recursos" e um Beneficiário que está apagado.

O esquema casual é: + [— A, *B, O] / B – apag.

(141) Mas a empresa, criada só para o empreendimento, *quebrou* no mês passado, deixando uma dívida de mais de US\$30 milhões. (*Folha de S. Paulo*, 03/11/99).

O enunciado apresenta o predicador *quebrar*, que em sentido básico significa reduzir a pedaços, rachar, romper. Neste contexto, está metaforizado do campo básico para o benefactivo, evidenciando a perda do que possuía. O que sofreu o malefício é "a empresa".

Em esquema casual, tem-se: + [— B].

(142) João *recolhe* dinheiro para sua campanha.

O predicador *recolher* evoca em sentido básico, pôr ao abrigo, juntar, evidenciando sua natureza locativa. Neste contexto, está metaforizado para o campo benefactivo, apresentando um Agente correferente ao Beneficiário, representados por "João" e um Objeto, representado pelo "dinheiro".

O esquema casual é: + [— A, *B, O] / A = B.

(143) Paulo se *retirou* do cargo.

O predicador *retirar*, em seu sentido básico, dá a idéia de recolher, tirar, sair, fugir, apresentando um sentido locativo. Neste contexto, está metaforizado para o campo benefactivo. Apresenta um Agente em correferência ao Beneficiário, que se retira, não de um lugar, mas que enseja uma perda de poder. O Objeto está representado pelo "cargo".

Tem-se, em esquema casual: + [— A, *B, O] / A = B.

Com a apresentação de algumas microcenas benefactivas, em sentido básico ou metaforizado, pretendeu-se fazer a introdução para o estudo das microcenas que gravitam em torno do campo benefactivo, constitutivas do subcampo *quase*-benefactivo, que será representado por qB, objeto de estudo deste trabalho.

4 QUASE-BENEFATIVOS

Os predicadores ditos *quase-benefactivos* são aqueles que gravitam em torno do território benefactivo. O benefactivo exprime a noção de posse, poder, liderança, perda/ganho, transferência de propriedade e poder, e é expresso, basicamente, por predicadores como *ter, ganhar, dar, receber, devolver, etc.*; os predicadores *arriscar, disputar, buscar, tentar, concorrer, etc.* (predicadores que reverterão em ganho ou perda, etc. independentemente de modalidades), compõem microcenas *quase-benefactivas*; porquanto não são predicadores benefactivos propriamente ditos, mas constituem microcenas *quase-benefactivas*.

4.1 PREDICADORES QUASE-BENEFATIVOS

Na figura 9, constam os predicadores *quase-benefactivos*, que deram origem a este trabalho e que serão analisados, conforme já ficou expresso na seção 2.1, nos enunciados recortados da *Folha de S. Paulo*, no período de 1º de outubro a 31 de dezembro de 1999. O contexto escolhido para análise abrange os campos político, econômico e esportivo porque, dentre as editorias de um diário, são os que refletem com maior incidência a possível realização, ou não, de determinado evento ou acontecimento.

Os predicadores serão analisados no contexto em que estão inseridos, uma vez que, em contextos diferentes, podem assumir outros campos semânticos. Será apresentado o esquema casual correspondente ao enunciado.

FIGURA 9 – PREDICADORES *QUASE*-BENEFATIVOS

LISTA DE PREDICADORES <i>QUASE</i> -BENEFATIVOS		
1. apostar	10. correr (atrás)	19. permanecer
2. apresentar	11. correr (risco)	20. pleitear
3. arriscar	12. decidir	21. procurar
4. assumir	13. diminuir	22. reduzir
5. aumentar	14. disputar	23. reivindicar
6. brigar por	15. entrar	24. tentar
7. buscar	16. gerar	25. trazer (risco)
8. competir	17. jogar	
9. concorrer a	18. lutar por	

4.1.1 Microcenas *quase*-benefactivas

O *quase*-benefactivo é um subcampo semântico que gira em torno do campo benefactivo, mas distingue-se deste porque não denota relação de ganho ou perda, etc., propriamente ditos, mas que eventualmente resultará em ganho ou perda. Convenciona-se a utilização de qB para a identificação do *quase*-beneficiário. Busca-se destacar neste trabalho:

- (i) os predicadores *quase*-benefactivos que emergem em sentido básico e
- (ii) aqueles que se deslocam de outros campos em direção ao subcampo *quase*-benefactivo.

4.1.1.1 Microcenas *quase*-benefactivas básicas

Procede-se à análise dos enunciados que contêm em seu campo semântico os predicadores *quase-benefactivos* básicos, presentes nas microcenas recortadas do jornal *Folha de S. Paulo*, nos contextos esportivo, político e econômicos:

(144) O presidente do Flamengo *aposta* na parceria com a ISL. (*Folha de S. Paulo*, 16/12/99).

Este enunciado apresenta o predicador *apostar*, que encerra o sentido básico de arriscar, jogar, disputar, pleitear, reiterando sua natureza *quase-benefactiva*. O Agente é "presidente do Flamengo" em correferência com o *quase-Beneficiário*. O Objeto está evidente, sendo representado pela "parceria com a ISL".

O esquema casual assim se representa: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(145) Empresários e produtores, no entanto, *apostam* que há um grande potencial para fazer esses números crescerem. (*Folha de S. Paulo*, 9/11/99).

"Empresários e produtores" são os Agentes e, concomitantemente, os *quase-Beneficiários*. O Objeto é "que há um grande potencial".

Em esquema casual, tem-se: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(146) Após o acidente, quando muitos *apostavam* no final da carreira do piloto, ele surpreendeu. (*Folha de S. Paulo*, 24/10/99).

O Agente é correferencial ao *quase-Beneficiário*. O Objeto está representado pelo "final da carreira".

Resulta o seguinte esquema casual: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(147) A FIM (Federação Internacional de Motociclismo) *aposta* no sucesso do piloto norte-americano Kenny Roberts Junior em 1999 para voltar a realizar uma prova nos EUA. (*Folha de S. Paulo*, 23/10/99).

O Agente, está representado pela "FIM (Federação Internacional de Motociclismo)", correferenciado ao *quase*-Beneficiário. O Objeto está representado pelo "sucesso do piloto norte-americano".

Tem-se, em esquema casual: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(148) Português *aposta* no Brasil. (*Folha de S. Paulo*, 8/11/99).

O *quase*-Beneficiário é "Português" correferente ao Agente. O Objeto está representado por "Brasil".

O esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(149) Se eu fosse *apostar* na loteria e somente pudesse marcar um resultado, votaria num empate nos dois jogos. (*Folha de S. Paulo*, 5/12/99).

O *quase*-Beneficiário em correferência com o Agente está representado por "eu". O Objeto é "na loteria".

O esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(150) Para retornar á "elite" do Estadual, os dois clubes *apostaram* no jogo. (*Folha de S. Paulo*, 10/10/99).

O Agente em correferência com o *quase*-Beneficiário é "os dois clubes". O Objeto está representado por "no jogo".

O esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(151) O Corinthians, mais tranqüilo nos contra-ataques e *arriscando* chutes de longe, teve boas chances para ampliar o marcador. (*Folha de S. Paulo*, 6/12/99).

O enunciado abriga o predicador *arriscar*, que encerra, em sentido básico, a idéia de aventurar, expor a risco ou perigo, ratificando sua condição de *quase-benefactivo*, dada a oportunidade de "amphar o marcador". O Agente está em correferência com o *quase-Beneficiário*, representado por "o Corinthians". O Objeto está representado pelos "chutes de longe".

Resulta o seguinte esquema casual: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(152) As ações da Klabin, a empresa da qual a família de Horácio Piva é sócia, chegaram a valer R\$0,14 em outubro de 98. Hoje estão acima de R\$1,40, com uma valorização de 920%. A *holding* do grupo comprou o papel na baixa, mas os executivos não esperavam uma recuperação tão rápida e preferiram não *arriscar* suas economias. (*Folha de S. Paulo*, 16/12/99).

Neste contexto, a valência semântica do predicador apresenta o Agente em correferência com o *quase-Beneficiário*, representados pelos "executivos" e um Objeto representado por "suas economias".

Tem-se, em esquema casual: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(153) A seleção brasileira *buscará* a vaga no Pré-Olímpico sul-americano, a partir de 7 de janeiro, em São Caetano (SP), contra Argentina, Venezuela e Colômbia. (*Folha de S. Paulo*, 30/12/99).

Nesta microcena, o predicador *buscar* – que em sentido básico significa esforçar-se por achar ou encontrar, investigar; tratar de obter – transita para condição *quase-benefactiva*. O Agente e o *quase-Beneficiário* estão

representados pela "seleção brasileira". O Objeto aparece representado pela "vaga no Pré-Olímpico sul-americano".

O esquema casual é representado por: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(154) Os promotores *buscam* novas pistas para esclarecer as contradições do caso. (*Folha de S. Paulo*, 27/12/99).

O Agente e o *quase*-Beneficiário estão representados pelos "promotores" e o Objeto aparece representado pelas "novas pistas".

O esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(155) Após um ano conturbado, o judô brasileiro, com a ajuda do COB (Comitê Olímpico Brasileiro), começa a definir hoje os representantes da equipe masculina que *compete* nos Jogos de Sydney. (*Folha de S. Paulo*, 18/12/99).

O predicador *competir* significa, em sentido básico, entrar em concorrência simultânea com outro, rivalizar(-se). Sua indicação, aqui, é a de *quase*-benefactivo. O Agente e os *quase*-Beneficiários são "os representantes da equipe masculina" que estão sendo definidos. O Objeto desta microcena é representado pelos "jogos de Sydney".

O esquema casual representa-se por: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(156) Empresas estrangeiras e companhias nacionais não *competem* pelos mesmos recursos do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), disse seu presidente, em resposta às críticas de empresários de que a concessão de empréstimo para grupos do exterior diminui a disponibilidade de crédito para os brasileiros. (*Folha de S. Paulo*, 30/10/99).

O Agente e *quase*-Beneficiário são as "empresas estrangeiras e companhias nacionais". O Objeto em questão é representado pelos "recursos do BNDES".

Em esquema casual, tem-se: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(157) Rivaldo agora *concorre* ao título de melhor jogador do mundo. (Folha de S. Paulo, 23/12/99).

Concorrer tem o significado de competir, participar em concurso (intelectual, artístico, desportivo etc.) quando em seu sentido básico. A indicação a *quase*-benefactivo decorre do fato de o jogador poder ou não ser o vencedor. O Agente e *quase*-Beneficiário "Rivaldo" pode ou não conquistar o "título de melhor do mundo", que é o Objeto ao qual concorre.

Tem-se, em esquema casual: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(158) Salvador e Rio *concorriam* para receber o evento. (Folha de S. Paulo, 27/12/99).

O Agente e o *quase*-Beneficiário são "Salvador e Rio". O Objeto é o "evento" que cada uma das cidades quer receber.

O esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(159) Além do Brasil, *disputam* o torneio, que começa dia 5 de janeiro, em São Caetano (SP), Colômbia, Venezuela e Argentina. (Folha de S. Paulo, 26/12/99).

Neste enunciado tem-se o predicador *disputar* que em sentido primeiro apresenta a noção de concorrer, competir; aqui, ele aparece na condição de *quase*-benefactivo. O Agente e o *quase*-Beneficiário são "um dos quatro países", que disputam o Objeto, representado pelo "torneio".

Tem-se, em esquema casual: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(160) O cavaleiro Rodrigo Pessoa *disputa* hoje a final do Concurso de Saltos de Berlim, na Alemanha. (*Folha de S. Paulo*, 13/11/99).

O *quase*-Beneficiário está em correferência com o Agente, representado pelo "cavaleiro Rodrigo", que pode ou não sair vitorioso. O Objeto é "a final do concurso".

O esquema casual é representado por: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(161) Os sete melhores times do brasileiro-99, por aproveitamento de pontos – Corinthians, Cruzeiro, Ponte Preta, Vasco, Guarani, Vitória e Atlético-PR –, entram em campo hoje para *disputar* a rodada que pode garantir boa parte deles nas finais da competição. (*Folha de S. Paulo*, 31/10/99).

O Agente e o *quase*-Beneficiário são "os sete melhores times". O Objeto está representado pela "rodada".

Em esquema casual, tem-se: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(162) Na segunda metade do ano, o time *jogará* a Mercosul e o Brasileiro. (*Folha de S. Paulo*, 24/12/99).

Nesta microcena, o predicador *jogar* (em sentido básico, significa "tomar parte no jogo de") assume natureza *quase*-benefactiva. O Agente e o *quase*-Beneficiário deste recorte é "o time". O Objeto em questão é "a copa Mercosul e o campeonato brasileiro".

Seu esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(163) "Obrigatoriamente, um deles (times mais modestos) vai *jogar* o Nacional de 2001", disse Gerasime Bozikis, presidente da CBB. (*Folha de S. Paulo*, 29/12/99).

O Agente é "um deles" em correferência com o *quase*-Beneficiário. O Objeto está representado pelo "Nacional" (campeonato).

O esquema casual se representa por: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(164) O risco de confronto, no qual *jogavam* os investidores, não era desprezível. (*Folha de S. Paulo*, 31/10/99).

O *quase*-Beneficiário está representado pelos "investidores". O Objeto é "o risco de confronto".

O esquema casual é: + [— qB, O].

(165) Mesmo com título perdido do Campeonato Brasileiro, o outrora "desconhecido" Humberto Ramos passa a *pleitear* uma vaga entre a elite dos treinadores brasileiros. (*Folha de S. Paulo*, 23/12/99).

O predicador *pleitear* significa em sentido básico demandar em juízo, requerer, manifestar-se a favor de. Nesta microcena é *quase*-benefactivo. O Agente, é representado por "Humberto Ramos", que está em co-referência com o *quase*-Beneficiário. O Objeto é "uma vaga".

Seu esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(166) Vasco e Internacional também *pleiteiam* os pontos contra o São Paulo. (*Folha de S. Paulo*, 30/12/99).

O Agente que está em correferência com o *quase*-Beneficiário está representado por "Vasco e Internacional". O Objeto é representado pelos "pontos".

Em esquema casual, tem-se: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(167) Setor *pleiteia* recursos para não perder bonde tecnológico. (*Folha de S. Paulo*, 30/12/99).

O *quase*-Beneficiário está representado pelo "setor". O Objeto é representado pelos "recursos".

O esquema casual é: + [— qB, O].

(168) Essa tranqüilidade nós podemos dar aos políticos: nós não estamos aqui no BC para fazer política. Creio que isso dá a eles mais condições de *procurar* uma agenda positiva. (*Folha de S. Paulo*, 31/12/99).

O predicador *procurar* encerra, em seu sentido básico, a idéia de esforçar-se por achar, tentar conseguir ou alcançar, buscar, evidenciando sua natureza *quase*-benefactiva; apresenta, porém, neste contexto a noção de encontrar ou não. O Agente e o *quase*-Beneficiário estão representados por "eles", que se refere aos políticos, e o Objeto por "uma agenda positiva".

O esquema casual é representado por: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(169) Equipe de resgate *procura* sobreviventes em porto de Manaus. (*Folha de S. Paulo*, 18/11/99).

O Agente está em correferência com o *quase*-Beneficiário, representado pela "equipe de resgate", que encontrará ou não o Objeto procurado, representado por "sobreviventes".

Em esquema casual, tem-se: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(170) Temos de fazer greve, sim, porque você tem que *reivindicar* seus direitos. (*Folha de S. Paulo*, 26/12/99).

O predicador *reivindicar*, em sentido básico, corresponde a intentar demanda para reaver; tentar reaver; readquirir; recuperar. No caso, seu papel é *quase-benefactivo*, já que envolve incerteza quanto aos direitos pleiteados. O Agente está em correferência com o *quase-Beneficiário* que é representado por "você". O Objeto está representado pelos "direitos".

O esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(171) Categoria *reivindica* vale-transporte e reajuste dado pelo TRT para a movimentação de açúcar. (*Folha de S. Paulo*, 23/11/99).

O Agente está em correferência com o *quase-Beneficiário* que é representado pela "categoria". O Objeto está representado pelo "vale-transporte e reajuste".

O esquema casual é representado por: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(172) Os índios *reivindicam* a posse de 56 mil hectares de terra que foram demarcados em 1926. (*Folha de S. Paulo*, 19/11/99).

O Agente está em correferência com o *quase-Beneficiário* que é representado por "os índios". O Objeto é "a posse dos 56 mil hectares de terra".

Tem-se, em esquema casual: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(173) A CRT, segundo sua assessoria de imprensa, *reivindica* um aumento entre 12% e 15%. (*Folha de S. Paulo*, 2/12/99).

O Agente está em correferência com o *quase-Beneficiário*, que está representado pela "CRT". O Objeto é o "aumento".

O esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(174) Indústria *tenta* reconquistar clientes. (*Folha de S. Paulo*, 24/10/99).

O predicador *tentar*, em sentido básico, significa empregar meios para, esforçar-se, procurar, empreender, realizar, pôr em execução. Neste enunciado, é *quase-benefactivo*. O Agente em correferência com o *quase-Beneficiário* estão representados pela "indústria". O Objeto está representado pelos "clientes".

Em esquema casual, tem-se: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(175) A indústria já recebe matéria prima mais cara e *tenta* vencer as resistências do varejo para passar adiante seu aumento de custos. (*Folha de S. Paulo*, 25/10/99).

O Agente está em correferência com o *quase-Beneficiário*, representado pela "indústria". O Objeto está representado pelas "resistências do varejo".

O esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

4.1.1.2 Lista de predicadores *quase-benefactivos* básicos

Das 32 microcenas analisadas, sintetiza-se na figura 10 uma lista dos predicadores *quase-benefactivos* básicos analisados, com seus respectivos esquemas casuais.

FIGURA 10 – PREDICADORES *QUASE-BENEFACTIVOS* BÁSICOS

LISTA DE PREDICADORES <i>QUASE-BENEFACTIVOS</i> BÁSICOS		
PREDICADOR	ORIGEM	ESQUEMA CASUAL
Apostar	<i>quase-benefactivo</i>	[— A, q*B, O] / A = qB
Arriscar	<i>quase-benefactivo</i>	[— A, q*B, O] / A = qB
Buscar	<i>quase-benefactivo</i>	[— A, q*B, O] / A = qB
Competir	<i>quase-benefactivo</i>	[— A, q*B, O] / A = qB
Concorrer	<i>quase-benefactivo</i>	[— A, q*B, O] / A = qB
Disputar	<i>quase-benefactivo</i>	[— A, q*B, O] / A = qB
Jogar	<i>quase-benefactivo</i>	[— A, q*B, O] / A = qB
Pleitear	<i>quase-benefactivo</i>	[— A, q*B, O] / A = qB
Procurar	<i>quase-benefactivo</i>	[— A, q*B, O] / A = qB
Reivindicar	<i>quase-benefactivo</i>	[— A, q*B, O] / A = qB
Tentar	<i>quase-benefactivo</i>	[— A, q*B, O] / A = qB

4.1.1.3 Microcenos *quase-benefactivas* metaforizadas

Essa é a análise dos predicadores que se deslocam de outros campos semânticos para o subcampo *quase-benefactivo*, presentes nas microcenos recortadas do jornal *Folha de S. Paulo*, nos contextos esportivo, político e econômicos:

(176) O rebaixamento mostra que os papéis do país *apresentam* "risco máximo" e na prática, vai tornar mais caro ao Equador captar recursos no exterior. (*Folha de S. Paulo*, 6/11/99).

O predicador *apresentar* tem, em sentido básico, a noção de dar a conhecer, pôr-se diante, expor-se, demonstrar, oferecer, configurando sua natureza experimental. Neste contexto, metaforiza-se para *quase-benefactivo*. O Agente é representado pelos "papéis", com o Objeto o "risco máximo". O *quase-Beneficiário* está apagado.

Em esquema casual, tem-se: + [— A, q*B, O] / qB – apag.

(177) Isso, acrescentou, pressupõe que os responsáveis pelo negócio *assumam* riscos, "ganhando e, algumas vezes, perdendo". (*Folha de S. Paulo*, 29/10/99).

O predicador *assumir* encerra o sentido de vir a ter, alcançar, atingir, evidenciando-se no campo *benefactivo*. Curiosamente, metaforiza-se para o *quase-benefactivo*. Nesta microcena, o Agente se confunde com o *quase-Beneficiário*, representado pelos "responsáveis pelo negócio". A evidência em ganhar ou perder vem reforçada pela presença do substantivo "risco". O Objeto está representado por "riscos".

O esquema casual é assim representado: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(178) "A fiscalização eficiente *aumenta* o risco para os sonegadores e incentiva o pagamento voluntário dos impostos", diz Rachid. (*Folha de S. Paulo*, 30/12/99).

Neste enunciado o predicador *aumentar* que enseja, em sentido básico, a noção de acrescentar, ajuntar, adicionar, prosperar, metaforiza-se para o campo *quase-benefactivo*. O recorte apresenta como Agente "a fiscalização". Os *quase-Beneficiários* são "os sonegadores" que terão ou não problemas com os fiscais. O Objeto em questão é "o risco".

Tem-se, em esquema casual: + [— A, qB, O].

(179) Segundo Oliveira, que não irá divulgar a escalação da equipe até momentos antes do início do jogo contra o São Paulo, Edu, Gilmar, Dinei, Luiz Mário e Marcos Sena *brigam* pela posição. (*Folha de S. Paulo*, 1/12/99).

Neste contexto, o predicador *brigar* – cujo sentido básico é bater-se corpo a corpo, alterar, disputar – faz um movimento semântico para o subcampo *quase-benefactivo*, através da metaforização. Traz como *quase-Beneficiário* do benefício ou malefício, "um dos cinco jogadores do São Paulo". O Objeto em questão é a "posição" a ser ocupada.

O esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(180) Paulo Nunes está garantido. Asprilla, Evair e Oséas *brigam* pela outra vaga. (*Folha de S. Paulo*, 21/11/99).

O *quase-Beneficiário* do benefício ou malefício é "um dos três jogadores". O Objeto em questão é a "vaga" a ser ocupada.

Seu esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(181) No Morumbi, jogará contra a Ponte Preta, que *briga* por uma vaga na próxima fase. (*Folha de S. Paulo*, 17/10/99).

O *quase*-Beneficiário, aquele que ganhará ou não a partida, está representado pela "Ponte Preta" (ou seu adversário) em correferência com o Agente. O Objeto em questão é a "vaga na próxima fase".

O esquema casual é representado por: + [—A, q*B, O] / A = qB.

(182) Setúbal calcula que existam hoje cerca de 30 bancos *brigando* pelo mercado de varejo. (*Folha de S. Paulo*, 12/12/99).

Neste contexto, *brigar* traz o Agente em correferência com o *quase*-Beneficiário, representado pelos "30 bancos". O Objeto em questão é "mercado de varejo".

O esquema casual é: + [—A, q*B, O] / A = qB.

(183) Atualmente, Botafogo-RJ, Internacional e Gama *correm* risco de cair. (*Folha de S. Paulo*, 10/11/99).

O predicador *correr* encerra, em seu sentido básico, a idéia de dirigir-se apressadamente, participar (de corrida), evidenciando sua natureza locativa. Nesta microcena, ligado ao substantivo *risco*, apresenta-se metaforizado para o campo *quase*-benefactivo. "Botafogo-RJ, Internacional e Gama" representam os *quase*-Beneficiário de cair ou de conservar o lugar. O primeiro Objeto é "risco" e o segundo "de cair".

Em esquema casual, tem-se: + [— qB, O, O].

(184) Os fundos de renda variável dos bancos já captaram mais de R\$1 bilhão neste mês, segundo dados preliminares do BC. A explicação: a classe

média está aceitando *correr riscos* na Bolsa de Valores. (*Folha de S. Paulo*, 27/11/99).

O predicador *correr* encerra, em seu sentido básico, a idéia de dirigir-se apressadamente, participar de corrida, com natureza locativa. Nesta microcena, ligado ao substantivo *risco*, apresenta-se metaforizado para o campo *quase-benefactivo*; propõe a noção de obter ou não sucesso com o investimento. "A classe média" é o Agente em correferência com o *quase-Beneficiário*, que depende do resultado que o Objeto – "Bolsa de Valores" – proporcionará.

O esquema casual é representado por: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(185) Apesar do desgaste de ter se colocado como um candidato que vai *correr* atrás dos votos conservadores na eleição de 2000, o tucano Geraldo Alckmin tentará transitar da centro-direita à centro-esquerda na disputa pela prefeitura. (*Folha de S. Paulo*, 26/12/99).

Neste contexto, *correr* metaforiza-se para o campo *quase-benefactivo*. O "tucano Geraldo Alckmin" é o Agente e o *quase-Beneficiário* da disputa. O Objeto é "atrás dos votos conservadores".

Em esquema casual, tem-se: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(186) Corinthians e Atlético-MG *decidem* hoje o título de um campeonato que clonou, e potencializou, a desordem administrativa e a eficiência ofensiva do Brasileiro-98. (*Folha de S. Paulo*, 22/12/99).

O predicador *decidir*, em sentido básico, significa emitir juízo final sobre alguma coisa, tomar resolução sobre, deliberar; resolver. Reiterando sua condição experimentativa, metaforiza-se, aqui, para o campo *quase-benefactivo*. "Corinthians e Atlético-MG" representam o Agente e o *quase-Beneficiário*. O Objeto é "o título do campeonato".

Seu esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(187) Pelo menos essa é a promessa dos atletas e do técnico Humberto Ramos para a partida de hoje, no Morumbi, que *decidirá* a competição. (*Folha de S. Paulo*, 22/12/99).

"Os atletas e o técnico" representam os Agentes e os *quase*-Beneficiários, pois integram o time que irá decidir o Objeto da microcena, representado pela "competição".

O esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(188) Para *diminuir* o risco inicial dessas emissões, o BC vai emitir títulos com cláusula de "put", ou seja, o direito de o comprador revender o título antes do vencimento, em prazos e taxas previamente acordadas com o BC. (*Folha de S. Paulo*, 10/11/99).

O recorte apresenta o predicador *diminuir* que, em sentido básico, significa tornar-se menor; reduzir-se a uma quantidade, dimensão ou intensidade menor, dar a impressão de ser menos numeroso, volumoso, intenso. Nesta microcena metaforiza-se para o subcampo semântico *quase*-benefactivo. O Agente está representado pelo "BC". O *quase*-Beneficiário está apagado. O Objeto da microcena é "o risco inicial dessas emissões".

Tem-se, esquema casual: + [— A, q*B, O] / qB – apag.

(189) O presidente da Câmara dos deputados, Michel Temer (PMDB-SP), *entrou* na batalha política para que o São Paulo não perca pontos por ter escalado o atacante Sandro Hiroshi supostamente de maneira irregular em jogos do Brasileiro-99. (*Folha de S. Paulo*, 25/10/99).

O predicador *entrar*, em sentido básico, significa deslocar-se ou passar de fora para dentro, ir ou vir para dentro, ir ou passar para o outro lado de, transpor. Neste recorte, metaforiza-se para o subcampo *quase-benefactivo*: entrando na batalha, o Agente e *quase-Beneficiário* poderá ou não sair vitorioso. Um e outro estão em correferência, representados por "Michel Temer" (que defende o São Paulo, no tapetão). Como Objeto têm-se "na batalha política".

O esquema casual é representado por: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(190) E que, segundo a secretaria, a concentração de mercado gerada pela fusão nos dois casos – cerca de 21% e 1,08%, respectivamente – não seria suficiente para *gerar* riscos à concorrência. (*Folha de S. Paulo*, 12/11/99).

Esta microcena apresenta o predicador *gerar* que, em sentido básico, equivale a dar existência ou origem a, fazer nascer, procriar, germinar, dar ou ter origem por meio de processo químico ou físico, produzir. Neste recorte, funciona como *quase-benefactivo*. O Agente está apagado e o *quase-Beneficiário* é a "concorrência". O Objeto é "riscos".

Em esquema casual, tem-se: + [— *A, qB, O] / A – apag.

(191) Algumas particularidades, porém, fazem com que o Palmeiras dê à partida menos importância do que outros times que *lutam* pela classificação. (*Folha de S. Paulo*, 10/11/99).

Nesta microcena, o predicador *lutar* (em sentido básico, enfrentar em corpo a corpo um adversário, bater-se com ou sem armas, brigar, combater, pelear) enfatiza sua condição de básico, metaforizando-se para o subcampo *quase-benefactivo*, onde "outros times", cujos nomes se encontram apagados, expressam o Agente em correferência com o *quase-Beneficário*. "Pela classificação" é o Objeto.

O esquema casual é: + [— *A, q*B, O] / A = qB; A, qB – apag.

(192) O Fluminense só *lutou* por seus direitos. (*Folha de S. Paulo*, 23/12/99).

O Agente, que se encontra em correferência com o *quase*-Beneficiário, está representado pelo "Fluminense". O Objeto desta microcena é representado pelos "direitos".

Seu esquema casual é: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(193) Vitória, Guarani, Palmeiras, Atlético-MG, Atlético-PR, São Paulo, além de Flamengo e Coritiba, que têm poucas chances, são as oito equipes que *lutam* pelas últimas quatro vagas. (*Folha de S. Paulo*, 27/10/99).

O Agente encontra-se em correferência com o *quase*-Beneficiário e estão representados pelas "oito equipes" citadas. O Objeto da microcena está representado pelas "últimas quatro vagas".

Em esquema casual, tem-se: + [— A, q*B, O] / A = qB.

(194) Dois treinadores *permanecem* no páreo pela vaga: Carbone e Dario Pereyra. (*Folha de S. Paulo*, 18/12/99).

Neste recorte tem-se o predicador *permanecer* que, em sentido básico, significa continuar sendo, prosseguir existindo, conservar-se, ficar, persistir. Ratificando sua natureza básica, ele se metaforiza, para o subcampo *quase*-benefactivo. O *quase*-Beneficiário está representado pelos "treinadores". O Objeto está representado "pela vaga".

O esquema casual é representado por: + [— qB, O].

(195) Guarani e Atlético-MG definem hoje à tarde em Campinas qual dos dois times vai *permanecer* na disputa por uma vaga na segunda fase do Campeonato Brasileiro. (*Folha de S. Paulo*, 6/11/99).

O *quase-Beneficiário* está representado pelos "dois times". O Objeto está representado pela "disputa da vaga".

Em esquema casual, tem-se: + [— qB, O].

(196) As demais medidas anunciadas ontem têm os seguintes objetivos: *reduzir* o risco do calote (inadimplência), facilitar a cobrança de dívidas em atraso, melhorar os mecanismos de seleção de crédito e diminuir o custo administrativo. (*Folha de S. Paulo*, 15/10/99).

Nesta microcena, o predicador *reduzir* (em sentido básico, significa tornar-se menor, limitar-se, ter ou adquirir domínio sobre, vencer; subjugar, submeter) metaforiza-se para o subcampo *quase-benefactivo*. O Agente e o *quase-Beneficiário*, estão apagados. O Objeto é representado pelo "calote".

O esquema é representado por: + [— *A, *qB, O] / A, qB – apag.

(197) A criação da figura do instituidor, que permitirá a sindicatos e associações de classe organizar fundos de previdência privada, *traz* riscos para a imagem do setor, na opinião de Flávio Perondi, diretor da Real Previdência. (*Folha de S. Paulo*, 26/11/99).

O enunciado apresenta o predicador *trazer*, que em sentido básico significa transportar, vir junto, conduzir; guiar, dirigir. Enfatizando sua natureza locativa, ele se metaforiza para o subcampo *quase-benefactivo*, com o sentido de apresentar, incluir. O Agente é a "criação da figura do instituidor", "riscos" representam o Objeto e o *quase-Beneficiário* é "para a imagem do setor".

Seu esquema casual é: + [— A, qB, O].

4.1.1.4 Lista de predicadores *quase-benefactivos* metaforizados

A figura 11 mostra os predicadores de outros campos semânticos que se metaforizam para o subcampo *quase-benefactivo*, em 22 microcenas analisadas. O quadro mostra a origem dos predicadores e seus respectivos esquemas casuais.

FIGURA 11 – PREDICADORES *QUASE-BENEFACTIVOS* METAFORIZADOS

LISTA DE PREDICADORES <i>QUASE-BENEFACTIVOS</i> METAFORIZADOS			
PREDICADOR	ORIGEM	METAFORIZAÇÃO	ESQUEMA CASUAL
Apresentar	Experimentativo	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg A, q^*B, O] / qB - \text{apag.}$
Assumir	Benefactivo	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg A, q^*B, O] / A = qB$
Aumentar	Básico	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg A, qB, O]$
Brigar	Básico	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg A, q^*B, O] / A = qB$
Correr (risco)	Locativo	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg A, q^*B, O] / A = qB$ ou $[\neg qB, O, O]$
Correr (atrás)	Locativo	<i>quase-benefactiva</i>	$[\neg A, q^*B, O] / A = qB$
Decidir	Experimentativo	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg A, q^*B, O] / A = qB$
Diminuir	Básico	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg A, q^*B, O] / qB - \text{apag.}$
Entrar	Locativo	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg A, q^*B, O] / A = qB$
Gerar	Básico	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg *A, qB, O] / A - \text{apag.}$
Lutar	Básico	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg A, q^*B, O] / A = qB$
Permanecer	Básico	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg qB, O]$
Reduzir	Básico	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg *A, q^*B, O] / A, qB - \text{apag.}$
Trazer (risco)	Locativo	<i>quase-benefactivo</i>	$[\neg A, qB, O]$

O campo básico é aquele que denota estados (Oe), processos (O) ou ações (A, O ou A) propriamente ditos, representados, genericamente, pelo caso Objeto (O).

5 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho era propor um subcampo semântico, denominado *quase-benefactivo*, a partir do campo semântico *benefactivo*. O *benefactivo* é o campo que expressa a posse, o poder, a liderança, o ganho ou a perda, o benefício/malefício e a transferência de propriedade ou poder, no contexto em que está inserido, como foi ilustrado nos enunciados 144 a 175 (em sentido básico) e 176 a 197 (metaforizados).

O *quase-benefactivo* gravita em torno do campo *benefactivo*, porque denota uma situação que não é de ganho ou perda, benefício etc., propriamente ditos, mas que resultará em ganho ou perda, benefício etc. O *quase-benefactivo* básico é aquele que nasce no enunciado como *quase-benefactivo* propriamente dito. São exemplos de predicadores cujos sentidos são *quase-benefactivos* básicos: *apostar, arriscar, buscar, competir, concorrer, disputar, jogar, pleitear, procurar, reivindicar e tentar*.

Em seguida, analisam-se os predicadores *apresentar, assumir, aumentar, brigar, correr (risco), correr (atrás), decidir, diminuir, entrar, gerar, lutar, permanecer, reduzir, e trazer (risco)*, metaforizados em *quase-benefactivos*. São predicadores que advêm de outros campos semânticos e que empreendem movimentos semânticos para o subcampo semântico *quase-benefactivo*. As micro-análises realizadas nos enunciados que encerram estes predicadores objetivaram captar os movimentos semânticos efetuados, deslocamentos estes que se configuram em metaforização.

Os enunciados 144 até 175 compõem as 32 micro-análises efetuadas no subcampo semântico *quase-benefactivo* básico. Concluiu-se que, em todos os esquemas casuais relativos aos predicadores *quase-benefactivos* básicos, os *quase-Beneficiários* estão em correferência com o caso *Agentivo*. Os enunciados

176 até 197 compõem as 22 micro-análises resultantes de predicadores advindos de outros campos em direção ao *quase*-Benefactivo. Os predicadores *apresentar* e *decidir* originam-se no campo experimental; os predicadores *aumentar*, *brigar*, *diminuir*, *gerar*, *lutar*, *permanecer* e *reduzir* metaforizam-se a partir do campo básico; os predicadores *correr (atrás)*, *correr (risco)*, *entrar* e *trazer (risco)* provêm do campo locativo; o predicador *assumir* origina-se no campo benefactivo, metaforizando-se para o subcampo *quase*-benefactivo. Os predicadores analisados são Agentivos, com exceção de *permanecer* que é um predicador processual. O predicador *correr (risco)*, dependendo do contexto, pode ser Agentivo ou processual.

Finalmente, a extensão dos dados analisados aponta para a necessidade de pesquisas que abarquem outros predicadores *quase*, encontrados no decorrer da pesquisa além dos *quase*-benefactivos, ou seja, *quase*-comitativos, *quase*-experimentativos, *quase*-básicos e, possivelmente, outros, com a finalidade de enriquecer a teoria com novos subcampos semânticos, paralelos ao *quase*-benefactivo.

REFERÊNCIAS

BORBA, F. da S. (coord). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Gramática de casos*. Araraquara: UNESP, 1987.

CARVALHO, M. B. de. *Uma introdução às gramáticas de casos*. Viçosa: UFV, 1986.

CHAFE, W. L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: The MIT Press

COOK, W. A. S. J. *Case grammar: development of the matrix model (1970 – 1978)*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1979.

_____. *W. A. S. J. Case grammar theory*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1989.

CRUSE, D.A. Some Thoughts on Agentivity. In: *Journal of Linguistics*, v. 9, p. 1-23.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FILLMORE, C. J. Some problems for case grammar. In *Georgetown University round table on languages and linguistics*. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1971.

_____. The case for case. In: *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

_____. The case for case reopened. In: *Syntax and semantics*. New York: Academic Press, 1977.

FLORES, L. L. *Teoria da correferencialidade com especial atenção ao português*. Florianópolis, 1994. Dissertação de Mestrado – Linguística, UFSC.

HOUAISS, A. e VILAR, M. de S. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, 1 CD-ROM.

LAGE, N. L. *Controle da opinião pública – um ensaio sobre a verdade conveniente*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *Gramática do texto jornalístico*. Ensaios. Florianópolis: UFSC, mimeo, 1997.

_____. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979

_____. *Linguagem jornalística*. 3. ed. Séries Princípios, São Paulo: Ática, 1990.

NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática de casos*. Araraquara: UNESP, 1987.

NICOLACÓPULOS, A. T. *et alii*. O modelo casual da UFSC. In: *Anais do Celsul*, Florianópolis, v. 1, p. 203-209, 1997.

NICOLACÓPULOS, A. T. *The holistic case – an introduction to case grammar*. Florianópolis: UFSC, 1992.

OLIVEIRA, A. T. C. de. *Cenas benefactivas e movimentos semânticos no contexto da linguagem jornalística*. Florianópolis, 1999. Tese de Doutorado - Lingüística, UFSC.

OLIVEIRA, M. G. A. de. *DAR – O verbo mais polissêmico da língua portuguesa*. Florianópolis, 1989. Dissertação de Mestrado - Lingüística, UFSC.

_____. *Predicações polissêmicas e metafóricas – uma abordagem semântico-pragmática*. Florianópolis, 1995. Tese de Doutorado - Lingüística, UFSC.

ROCHA, S A. D.de O. da. *A emergência de enunciados temporais em textos jornalísticos*. Florianópolis, 1998. Dissertação de Mestrado – Lingüística, UFSC.

ROCHA, S., NICOLACÓPULOS, A. T. & OLIVEIRA, A. A construção dos sentidos: metafórico e neológico. Uma abordagem casual. In: *Working papers in Lingüística*, n. 2, Florianópolis: CPGLL – UFSC, pp. 76-97, 1998.

VASCONCELOS, S. I. C. C. de. (Org.). *Os discursos jornalísticos*. Maringá: Eduem, 1999.

ZUCCO, B. *Introdução ao estudo do objeto: uma análise casual*. Florianópolis, 1992. Dissertação de Mestrado – Lingüística, UFSC.